

**Sobre a perspectiva do movimento em *Xapiri* – devir ser... corpo de passagem,** por Lu Favoreto<sup>74</sup>

**Resumo:** Este texto expõe o olhar da direção de movimento sobre o processo de criação do espetáculo *Xapiri xapiripê, lá onde a gente dançava sobre espelhos*. O procedimento “antropofágico” no modo de aproximação e contaminação da Companhia Oito Nova Dança e da Companhia Livre, possibilitou reflexões específicas e peculiares advindas não só da abertura para o diferente, no “devorar” e “ser devorado”, como também do acesso à matéria poética eleita como campo de investigação criativo: o universo ameríndio brasileiro. Surge então um espetáculo que ousa integrar linguagens artísticas e áreas de conhecimento distintas. Busca a potência de cada uma delas e dessa integração, na semelhança e na diferença, pela perspectiva do movimento.

**Palavras-chave:** pesquisa de linguagem, perspectiva do movimento, devoração como procedimento criativo, ancestralidade exposta no corpo, universo ameríndio.

**Abstract:** This article deals with the movement direction of look at the process of creating the show *Xapiri Xapiripê*, there where we danced on mirrors. The procedure “cannibalistic” in the approach and contamination Companhia Oito Nova Dança e da Companhia Livre, enabled specific and peculiar reflections arising not only from the opening to the other, the “devour” and “being eaten”, as well as access to poetic material chosen as the creative research field: the Brazilian Amerindian universe. Then comes a show that dares to integrate artistic languages and different knowledge areas. Search the power of each one of them and this integration, the similarity and difference, the movement’s perspective.

**Keywords:** language research, the movement perspective, devouring as creative procedure, exposed ancestry in the body, Amerindian universe.

---

<sup>74</sup> Lu Favoreto investiga e prioriza em sua criação a relação entre estrutura corporal, movimento vivenciado e a comunicação na cena. Fundamenta seu trabalho didático e artístico em proposições de Klauss Vianna - Brasil) e M. M. Béziers e S. Piret - França. Foi uma das fundadoras do Estudio Nova Dança (São Paulo) e desde 2000 é diretora da Cia. Oito Nova Dança. Ministra cursos regulares de técnica, pesquisa e criação em Dança no Estúdio Oito Nova Dança, na qual trabalha como diretora, coreógrafa e intérprete-criadora.



Foto de Cacá Diniz. Cia. Oito Nova Dança. Lu Favoreto em cena de *Xapiri xapiripê...*

O espetáculo *Xapiri xapiripê*, lá onde a gente dançava sobre espelhos é um mergulho pontiagudo no interesse da Companhia Oito Nova Dança pela ancestralidade exposta no corpo e pela antropofagia como referência no procedimento de pesquisa na criação de um espetáculo.

Na construção de *Xapiri...* radicalizamos a pesquisa de linguagem no que concerne à dança contemporânea, com interesse pela fundamentação antropológica, característica da companhia desde sua fundação, em 2000. Conduzidos pela antropologia, processamos criativamente uma área de conhecimento tão inacessível como o universo ameríndio brasileiro através de textos, materiais áudio visuais e fotográficos, trabalho de campo e reflexões. Fomos nos aproximando e “devorando” as questões que regem e movem o universo indígena: a perspectiva de corpo e de humanidade, o estado corporal de passagem e de trânsito entre mundos, os mitos, as línguas, as músicas, os cantos e danças.

A indiferenciação entre o corpo que dança, fala, toca, canta, cura, caça, cuida... foi uma pista importante para a construção do trabalho técnico corporal que se fundamenta num corpo integrado que busca vivenciar no mesmo impulso psicomotor variadas formas de expressão. A coluna de ar do sistema respiratório logo à frente da coluna de osso do sistema esquelético, como impulso comum ao gesto vocal e motor. A expansão e o recolhimento do movimento respiratório, tão essencial à vida, reverberando em cada canto, ângulo, dobra e espaço de nosso corpo.

A condução do trabalho corporal e coreográfico em *Xapiri* prioriza a perspectiva do movimento. Busca expor sua potência de transformação e passagem. O movimento aqui é encarado de forma abrangente. Tudo o que pode significar mover-se pode ser visto como dança. Pensar, encontrar, procurar, provocar, cavocar, duvidar, deslocar, cantar, falar, pegar, dançar... tudo isso é mover-se. A partir da vivência desse repertório é que trabalhamos em sua lapidação pela perspectiva do tempo. Início, fim, duração, (des)aceleração, pontuação, pausa, impulso comum, velocidade, são questões que nos conduziram nessa etapa.

Para a construção do trabalho coreográfico nos deixamos contaminar pelo pensamento perspectivista e pela imagística mitológica dos ameríndios. Por esse viés, a relação entre pessoa, duplo e coletivo se potencializou e nos sugeriu uma organização coreográfica específica. As ancestralidades pessoais evocadas no desenvolvimento de matrizes estruturais e poéticas individuais no início do processo criativo foram duplicadas através das relações em duos, e coletivizadas através dos coros coreográficos e musicais. Essa relação entre solo, duos e coros nos norteou com potenciais específicos, como forma de desenvolvimento na construção coreográfica e como aproximação essencial entre a linguagem da dança contemporânea e as formas de organização desse universo indígena, que nos é tão inacessível. A complexidade exposta em cada fenda encontrada na tentativa de acessar o universo ameríndio me parece infinita. Deixo-me conduzir pela investigação do movimento e reconheço nele um possível condutor à aproximação desta perspectiva de mundo, desta humanidade de fundo. O desfazer de nossas faces como ação de desterritorialização e reconfiguração de algo que está submerso na identidade de cada um de nós, brasileiros. *Xapiri* é uma das possíveis “devorações” criativas deste mundo tão inspirador e desconhecido.

Borramos a fronteira entre dança, teatro e música para expor um olhar contemporâneo sobre esses povos. Através do diálogo entre áreas de conhecimento distintas, e tendo a inspiração e o espírito colaborativo de todos os envolvidos no processo criativo, fomos “esculpindo” o tempo e o espaço de *Xapiri Xapirepë*... como se estivéssemos revelando um estado primordial, que sempre esteve aqui, entre nós, na sua invisibilidade. No trânsito constante entre presente/futuro/passado, ser/devir/ter sido, sempre esteve aqui conosco e estará... aqui e lá onde dançava sobre espelhos!